

## DAS “ORIGENS” DO ESPORTE NA INGLATERRA AOS JOGOS OLÍMPICOS IDEALIZADOS POR COUBERTIN: UM OLHAR DA PRODUÇÃO ACADÊMICA EM LÍNGUA INGLESA

FROM SPORT'S "ORIGINS" IN ENGLAND TO THE OLYMPIC GAMES IDEALIZED BY COUBERTIN: AN OVERVIEW OF THE ACADEMIC LITERATURE IN ENGLISH

Bárbara Schausteck de Almeida\*  
Wanderley Marchi Júnior\*\*

---

### RESUMO

Existe relativo consenso na produção científica brasileira que as características modernas do esporte podem ser identificadas a partir das escolas públicas inglesas no final do século XIX. Porém, pouco se sabe sobre o contexto da transformação das práticas para o esporte e seus novos significados sociais, que inclusive influenciaram Pierre de Coubertin na “recriação” dos Jogos Olímpicos modernos. Por isso, o objetivo deste artigo é aglutinar subsídios da produção acadêmica em inglês sobre o contexto no qual se deu a transformação das práticas esportivas nas escolas públicas inglesas no século XIX, bem como sobre os novos significados que essas práticas passaram a ter e suas influências em Pierre de Coubertin. Argumentamos que as condições sociais dessa fase de transição influenciaram diretamente nos novos significados que o esporte passou a adquirir, provocando significativos impactos para o desenvolvimento do fenômeno esportivo no século XX e XXI.

**Palavras-chave:** Esporte. História. Jogos Olímpicos.

---

### INTRODUÇÃO

Na produção científica brasileira dos estudos socioculturais do esporte, existe uma ampla aceitação e reprodução do entendimento que a “origem” do esporte moderno se deu nas grandes escolas públicas inglesas no final do século XIX. A incorporação dessa compreensão pode ter se dado de maneira significativa pela dificuldade de acessar fontes primárias nesses locais e de uma ausência de estudos que refutem essa tese. Outro fator relevante pode ser a influência de autores como Norbert Elias – especialmente na produção com Eric Dunning – e Pierre Bourdieu nos estudos socioculturais do esporte no Brasil (MEDEIROS; GODOY, 2009; DIAS, 2010), que corroboram essa origem e tornam-se referências diretas para esse argumento. Por exemplo, Bourdieu argumenta sobre a necessidade de se conhecer a genealogia dos objetos de estudo para compreender o alcance de sua especificidade na sociedade, mas o próprio autor alega parecer ser “indiscutível” que a

transição entre jogo e esporte aconteceu nas escolas públicas inglesas. Ainda conforme sua descrição, nesses locais existiram uma “mudança de significado e função” mais apropriadas aos valores (ou melhor, ao *ethos*, para sermos compatíveis com sua conceituação) da aristocracia burguesa (BOURDIEU, 1983).

Embora devamos fazer justiça à Bourdieu, cujo objetivo não foi realizar uma abordagem histórica do esporte naquele momento, ainda assim torna-se necessário aos demais investigadores em estudos do esporte, no mínimo, buscar mais subsídios para compreender esse “surgimento” – ou melhor, as modificações que distanciam o fenômeno tal como é compreendido na contemporaneidade das práticas anteriores. Como pretendemos mostrar na sequência, as condições sociais dessa fase de transição influenciam diretamente nos novos significados que a prática passa a adquirir, provocando significativos impactos para o desenvolvimento do fenômeno esportivo no século XX e XXI e influenciando, inclusive,

---

\* Doutora. Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, Brasil.

\*\* Doutor. Departamento de Educação Física e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, Brasil.

Pierre de Coubertin no “renascimento” dos Jogos Olímpicos modernos.

Assim, levantamos as seguintes questões como norteadoras do estudo: de acordo com a revisão da produção acadêmica publicada em inglês, qual foi o contexto de transformação das práticas que passaram a ser designadas como esporte nas escolas públicas inglesas no século XIX? Ligados a esse contexto, quais novos significados que essas práticas passaram a ter e quais suas influências em Pierre de Coubertin para a “recriação” dos Jogos Olímpicos modernos?

Esse artigo tem como principal objetivo aglutinar subsídios da produção acadêmica em inglês sobre o contexto no qual se deu a transformação das práticas que passaram a ser designadas como esporte nas escolas públicas inglesas no século XIX, bem como os novos significados que essas práticas passaram a ter e suas influências em Pierre de Coubertin para a “recriação” dos Jogos Olímpicos modernos.

Os autores aqui eleitos são majoritariamente britânicos e foram mobilizados, primeiro, pela possibilidade de acesso às suas produções na biblioteca de uma universidade inglesa e, segundo, pelas suas análises do esporte a partir de olhares sociais e históricos, inclusive sobre os Jogos Olímpicos. Realizamos buscas de livros que incluíam como temas esporte, história e Jogos Olímpicos, com especial interesse sobre aqueles que traziam subsídios para pensar a “gênese” desses fenômenos. Reconhecemos que este estudo não é uma revisão exaustiva da literatura científica publicada em inglês sobre o tema, pois é muito provável que outras produções tenham sido significativas e contributivas para uma análise daquele período histórico. Porém, apesar dos impeditivos de acesso em números absolutos da produção, não nos furtamos em apresentar uma contribuição de pesquisas da genealogia do esporte na Inglaterra por autores que têm mais acesso a fontes históricas que os pesquisadores brasileiros, possibilitando assim o acesso a novas informações antes indisponíveis em português.

Dessa forma, o estudo está estruturado a partir de uma apresentação sobre o entendimento do esporte como fenômeno moderno a partir de uma perspectiva histórica e social, seguido de algumas das condições e condicionantes para pensá-lo em suas características ou propriedades

estruturais que tem como raiz mais amplamente aceita as grandes escolas inglesas no final do século XIX. Num segundo momento, relacionamos esse surgimento à inauguração do movimento olímpico, através da criação do COI e dos chamados primeiros Jogos Olímpicos da era moderna. Para considerar seu crescimento e seu processo de internacionalização, abordamos algumas das teorias do esporte que subsidiam esse debate para pensar o fenômeno esportivo e especificamente os Jogos Olímpicos em sua proporção atual. Por último, recuperamos os principais dados levantados para a composição de uma resposta às perguntas norteadoras e possíveis impactos dos dados nos estudos de cunho social e histórico do esporte no Brasil.

### O esporte e sua “gênese” na Inglaterra

Para iniciar com a abordagem do que é o esporte, podemos partir do conceito tradicional que geralmente considera que “esportes são atividades competitivas institucionalizadas que envolvem esforço físico rigoroso ou utilizam habilidades físicas relativamente complexas por participantes motivados por recompensas internas e externas” (COAKLEY; PIKE, 2009, p. 5, tradução nossa). Porém, a utilização de conceitos tradicionais tende a limitar a interpretação e as possibilidades de uso, visto que somente as práticas de grupos muito específicos estariam contempladas, invariavelmente privilegiando aqueles que têm recursos, vontades e mesmo habilidades e capacidades físicas para se engajar em práticas competitivas e institucionalizadas (COAKLEY; PIKE, 2009). Se isso é válido para o tempo presente, a complexidade de se estabelecer um conceito único para diferentes grupos, sociedades e momentos históricos é ainda maior, levando em consideração que o “esporte” não pode possuir um significado único, fixo, no entendimento sociológico e histórico. Sendo assim, tal significado só pode ser entendido a partir da análise sob uma perspectiva sociocultural, enquanto uma construção social (HORNE; TOMLINSON; WHANNEL, 1999).

Os exemplos fornecidos por McIntosh (1979) auxiliam nessa compreensão histórica e social. Segundo esse autor, o uso do termo esporte na linguagem comum variou entre todas as atividades humanas que “não eram sérias” no século XII, passando pela apropriação do termo,

que por vezes antecedia a expressão “de campo”, pela aristocracia inglesa da era Vitoriana por volta dos anos 1837 até 1901 quando buscavam descrever as atividades de caça, tiro e pesca (HUGGINS, 2004), até a instauração do entendimento tácito recente que o confina entre as atividades físicas competitivas, inaugurado por Johan Huizinga no livro *Homo ludens*. Na obra, Huizinga (2000) entende que o jogo é elemento integrante da, e não na, cultura. A Inglaterra, por possuir características geográficas e sociais específicas, teria possibilitado no final do século XIX que os jogos tivessem se modificado e se tornado esportes, com a perda de parte das suas características lúdicas em razão da inclusão de regras e sistematização das atividades. Se, de acordo com McIntosh (1979), foi a partir de Huizinga que esse entendimento de esporte foi articulado e mais evidente na produção científica contemporânea, Huggins (2004) aponta que o esporte significando uma atividade física ou jogo competitivo que exigia

uma demanda física mais intensa já existia no dicionário *Oxford* da língua inglesa no ano de 1863 e nos anos 1890 tinha esse sentido moderno mais amplamente adotado.

Defendendo que a interpretação do esporte tal qual se apresenta na sua forma moderna deve ser entendida a partir de um contexto social, cultural e histórico mais amplo, uma maneira de compreendê-lo se dá a partir da visualização das diferenças entre suas formas antigas ou iniciais. Bell (2009) propõe um quadro em que é possível visualizar alguns dos principais temas e períodos históricos do esporte, tomando como base a Inglaterra. Como é de se esperar, ao sintetizar e expor as informações de maneira mais objetiva, alguns pontos são passíveis de crítica, como as definições temporais e a generalidade do papel e objetivos do esporte naquele momento. Apesar dessas limitações, o quadro é acessível para localização temporal ordinal e para identificação de aspectos mais gerais para cada fase, conforme o contexto britânico.

**Quadro 1** – Temas e períodos na história do esporte.

Tema	Período	Papel e objetivo do esporte
Jogos tradicionais e passatempos	Antes do séc. XIX	Manifestações e habilidades tradicionais, celebrações sazonais, perseguições rurais em vilarejos, cidades ou distritos, feiras rurais e exposições. Os esportes são frequentemente embates violentos, com limitadas semelhanças às atividades dos dias atuais.
Recreação racional	Final do séc. XVIII e séc. XIX	A promoção de corpos saudáveis para higiene e para preparação para o militarismo, o esporte ou a recreação são providos por filantropia por reformistas sociais, praticado para uma proposta mais aceitável, a partir daqui mais racional.
Atleticismo	Séc. XIX, período Vitoriano	Desenvolvimento físico e moral, especialmente nas escolas públicas (Eton, Rugby, etc.) e particularmente através dos esportes coletivos; masculino, com objetivos de combate, enfatizam a lealdade, fazem deferência a autoridade, o sacrifício individual e o anti-intelectualismo.
Amadorismo	Séc. XIX a meados do séc. XX (em alguns esportes, ainda existente)	Esporte com causa em si mesmo, praticado por amadores e “cavalheiros”, por exemplo, sem recompensa financeira. Distinções surgem quando o profissionalismo inicia no séc. XIX. “Jogadores” são profissionais e têm uma regulação restrita; foram ainda proibidos de competir em algumas modalidades.
Cristianidade muscular	Meados ao final do séc. XIX	Esporte foi visto para empregar uma influência saudável, distante dos bares ou outros usos não desejáveis do tempo. A influência religiosa foi vista em diversas modalidades e clubes: o cultivo de “corpos sãos e mentes sãs” era a função de todo cristão. Muitos clubes e espaços esportivos eram providos por igrejas.
Coisificação	Fins do séc. XX	O consumo passivo do esporte se torna significativo e crescente com o papel comercial do esporte e de seus produtos e serviços, com o esporte profissional e internacional, com as influências globais e de organizações, e a migrações de jogadores é resultado da difusão global das práticas esportivas.
Celebridade	Fins do séc. XX e início do séc. XXI.	A emergência da celebridade esportiva, personalizado por David Beckham; estrelas do esporte são lançadas através de plataformas ou recursos multimídia, frequentemente não associados à performance esportiva ou onde a personalidade esportiva é veículo para promoção da “marca”.

Fonte: Bell (2009, tradução nossa).

Para atender a abordagem de nosso interesse, enfocamos a partir da notável e mais amplamente aceita ruptura entre o esporte antigo e o moderno de meados ao final do século XIX, a partir do chamado atletismo aos tempos atuais. Isso não significa que nas décadas precedentes não existisse práticas similares às atuais, tampouco elas sejam menos importantes. Pesquisadores indicam que características modernas como a presença de espectadores em eventos, as formas mais básicas de comercialização e alguns princípios de institucionalização existiam desde o século XVI (DUNNING, 1999; MALCOLMSON, 2007). Um exemplo dessa antecedência se reforça pela existência do livro de Joseph Strutt *“The Sports and Pastimes of the People of England”* (Esportes e passatempos do povo da Inglaterra, na tradução livre), datado de 1801 (BIRLEY, 1993; BRAILSFORD, 1969, 1997; HOLT, 1990; WIGGLESWORTH, 1996).

No período de recorte temporal eleito, porém, é que são observadas variações mais evidentes nas formas de relacionamento (da tradicional à contratual), tempo (mais quantificado), espaço (racionalizado, funcional e preciso) e grupos sociais (conforme posição e divisão do trabalho) que influenciaram de forma primordial as características do esporte. A vida urbana passou a ser o espaço dominante de relações sociais, o que gerou a transição demográfica e o declínio das relações comunais anteriores para as relações sociais mais especializadas, racionalizadas, burocratizadas e “civilizadas”. Nesse contexto, se o esporte não foi influenciado de forma imediatamente direta, é afetado por esses processos mais amplos e, por causa ou consequência, passa a ter mais importância como forma de expressão cultural, porém com significados distintos entre os diferentes grupos sociais (DUNNING, 1999; HORNE; TOMLINSON; WHANNEL, 1999).

Os praticantes e os eventos eram esporádicos e dispersos, até que o esporte passou a ter espaço nas escolas públicas inglesas. Suas fundações datam de muitos séculos, como Winchester, por exemplo, que foi fundada em 1382. Nos períodos iniciais, sua fundação tinha como objetivo educar os mais pobres e filhos de trabalhadores rurais. Foi a partir dos anos 1860 que elas passaram a ser frequentadas pelas classes dominantes, alcançando o número de nove escolas nesse período: Winchester, Eton,

Rugby, Harrow, Westminster, Charterhouse, Shrewsbury, St Paul’s e Merchant Taylors’, sendo que as três primeiras servem como estudos de caso mais comuns em relação ao esporte. Entretanto, parte dessa elite ainda educava seus filhos através de tutores particulares, porque não viam nas escolas públicas um espaço privilegiado para a educação moral de seus descendentes. Membros da aristocracia – a classe mais alta do período – ocupavam entre 5 e 20% das vagas em Rugby e Eton na primeira metade do século XIX (MANGAN; MCKENZIE, 2000). Nesse ponto, o esporte viria a cobrir uma lacuna deixada pela educação formal daquela época, ainda que tenha sido incorporado ocasionalmente pelos alunos que adaptavam jogos locais ao espaço que ali existia. Os jogos anteriormente possuíam regras ou entendimentos implícitos sobre seus funcionamentos ou requisitos para os participantes, que estiveram sujeitos a modificações apesar dos seus traços tradicionais (MCINTOSH, 1979). Como afirma Huggins (2004), essa incorporação só foi possível porque já existia uma prática relativamente difundida e com adesão de praticantes em outros meios sociais, mas entendemos pela produção científica que as escolas públicas serviram como meio de difusão mais formal e, pela sua legitimidade institucional, para que essas práticas passassem a ser aceitas e mutuamente incorporassem e propagassem os valores sociais legítimos que permitiram uma maior posterior aceitação social especialmente entre os estratos dominantes.

Conforme Hargreaves (1986), as práticas existentes durante o período do “atletismo” tinham uma função instrumental, que manifestavam a crescente demanda sobre saúde e forma física da nação e a existência de atividades de lazer complementando o trabalho pelos grupos dominantes; mas, acima de tudo, como um meio para educar os jovens homens para ocuparem seus espaços na sociedade moderna emergente. O esporte funcionava como uma metáfora ao cotidiano social, em que as disputas eram regradas e ordenadas, resultando na existência de vencedores e perdedores.

O crescimento econômico naquele momento era especialmente relevante quando consideramos o período posterior da Revolução Industrial e o aumento territorial do império britânico. Para o momento, interessa-nos localizar que a base de conceitos e ideológica da

sociedade inglesa estava articulada sobre uma lógica racional de organização típicas de uma sociedade agora industrial, sendo que algumas características do esporte tinham notável relevância com essa forma de produção. Guttmann (2004) aponta que a racionalização (padronização de regras para futura universalidade e a cientificidade no treinamento), a organização burocrática (existência de instituições e regulamentação de procedimentos com funções e papéis definidos) e a especialização (aperfeiçoamento em uma função específica) são categorias que diferenciam o que há de “moderno” no esporte, sendo elementos emergentes tanto nele, através da criação das entidades reguladoras, como de uma maneira distintiva na indústria capitalista (WEBER, 1978).

Não por acaso, as características do processo de industrialização, que na visão de Kumar (1978) são também os argumentos diretamente relacionados ao que se entende por “modernização”, são utilizadas por Guttmann (2004) para designar as propriedades estruturais do esporte dito moderno. Além de racionalização, organização burocrática e especialização, o autor inclui ainda como propriedades o secularismo (a religião como não sendo o objetivo final da ação esportiva), a igualdade (de oportunidade e condições para a competição), a quantificação (transformação de performances em números suscetíveis à comparação) e os records (registro para comparação do “melhor” desde o passado e o presente).

Como Guttmann (2004) admite, seu paradigma é uma ferramenta, abstrata e a-histórica, que pode ser útil como modelo para se pensar o fenômeno esportivo moderno. Da mesma forma, é preciso relativizar a novidade desses elementos nas diferentes sociedades, já que elas não são inéditas na história econômica e social, mas devem ser localizadas na aglutinação, dessas e outras características, e na elevação de sua importância no capitalismo recente (WEBER, 1978).

Algumas dessas demandas e entendimentos – em que uma boa forma física era um pré-requisito para a moral e os bons costumes e deveriam ser preconizados na educação dos jovens – foram levantadas e sofreram ações estatais desde as primeiras décadas do século

XIX. Essas ideias na Inglaterra sofriam a influência de pensadores franceses e os pioneiros do movimento da ginástica em outros países europeus, mas no contexto inglês passou a sofrer novos delineamentos pelas tradições de jogos em equipe e das atividades de caça que eram considerados como esporte (MCINTOSH, 1979). Sobre os esportes coletivos, por exemplo, Mangan (1998) cita que nas primeiras décadas do século XX o diretor de uma das escolas públicas afirmava que o críquete promovia uma nova forma de cavalheirismo e bravura, e o rúgbi o altruísmo, destemor e autocontrole, características necessárias para serem promovidas entre os jovens que tinham como papel dar continuidade à lógica imperialista, paradigmática e hegemônica naqueles ambientes. Sendo assim, principalmente a manutenção dos esportes nas escolas públicas não se deu de forma ocasional, já que eles eram um meio para transmissão de valores propícios à manifestação da cultura dominante, elitista e masculina, que reproduzia e era reproduzida na agenda pública (HORNE; TOMLINSON; WHANNEL, 1999).

### O atletismo conquista Coubertin

Esses valores foram o objeto da atenção de Pierre de Coubertin para recuperar os Jogos Olímpicos. O *habitus* nobre, que assim pode ser entendido pela descrição de MacAloon (1981), motivou a viagem de Coubertin para a Inglaterra para compreender o sistema educacional daquele país, sendo uma etapa de sua intenção de propor uma reforma educacional na França. Esta seria necessária para se encontrar e implantar um novo entendimento sobre “nobreza”, enquanto adjetivo, que ele posteriormente passou a identificar nas escolas públicas inglesas, especialmente em Rugby e com a “pedagogia esportiva” que ali era desenvolvida.

As visitas de Coubertin às escolas aconteceram em viagens durante os anos de 1883 a 1887, sendo compostas por conversas com estudantes e ocasionalmente com diretores. Mas estudiosos da vida de Coubertin indicam que sua perspectiva sobre a possibilidade do esporte para a moral e a educação era largamente baseada no livro *Tom Brown's Schooldays* (A vida escolar de Tom Brown, na tradução livre), publicado em 1857 por Thomas Hughes (1823-1896) (LUCAS, 1980; MACALOON, 1981; TOMLINSON, 1984). O livro, ainda que não

seja autobiográfico, teria sido escrito com base nas experiências do autor como aluno de Rugby entre os anos de 1834 e 1842 (ELTON, 1957). Outro livro baseado nas experiências em Rugby que teria influenciado Coubertin é o *The life and correspondence of Thomas Arnold* (A vida e as comunicações de Thomas Arnold, na tradução livre), de A. P. Stanley, sendo Thomas Arnold o diretor de Rugby que seria o responsável por inserir o esporte na rotina escolar para a educação de seus alunos. Para MacAloon (1981), negligências e exageros na leitura dessas duas obras por parte de Coubertin, que por si eram referências secundárias, teriam resultado numa visão singular, em certa medida idealizada e equivocada, dos valores na educação para adoção de perspectivas morais, em que o esporte seria valiosa ferramenta. Não por acaso, seus próprios valores e princípios morais delinearam sua interpretação sobre o sistema inglês e como ele deveria ser apropriado na reforma educacional francesa.

Nessa conjunção, o esporte passou a ser visto por ele como o mobilizador do sistema, como epítome da educação moral, física e intelectual. E assim seus discursos adquiriram um caráter combinado, em que algumas das características do modelo grego de jogos e atividades físicas passam a ser tomadas como ferramenta pedagógica (MACALOON, 1981). Lucas (1980, p. 16, tradução nossa) descreve que “O conceito de filosofia ateniense de Coubertin, exemplificado pela trindade caráter, intelecto e corpo, era inexoravelmente fundido com a imagem de austeridade disciplinada e o *sportsmanship* da Escola Rugby inglesa”. O *sportsmanship* pode ser interpretado como um código de comportamento que mistura vitalidade, coragem, versatilidade e senso de proporção. O Olimpismo surge, então, como uma atitude semelhante a esse comportamento ou da atitude da cristianidade muscular que regia, ao menos na visão idealizada de Coubertin, o funcionamento do esporte em Rugby (LUCAS, 1980).

Uma mistura de nacionalismo e internacionalismo teria sido a raiz motivacional para o “reviver” dos Jogos Olímpicos. O primeiro, porque a derrota militar francesa para a Prússia no ano de 1871 teria influenciado o entendimento de Coubertin que a preparação física e a disciplina eram virtudes a serem

desenvolvidas em seu país e que o sistema de esportes da Inglaterra servia como um contraponto à cultura ginástica germânica (GUTTMANN, 1984). Embora Coubertin tivesse apenas oito anos naquele momento, o insucesso na guerra afetou sua família e sua geração, conseqüentemente (LUCAS, 1980). Ele teria se convencido que os métodos da educação esportiva inglesa, especificamente a de Rugby, seriam a razão para o desenvolvimento da Inglaterra como potência no século XIX. Além disso, na nova era democrática que se apresentava, o esporte poderia ser um agregador de classes sociais (HILL, 1996). Sobre este ponto, são reconhecidas as controvérsias (HILL, 1996) e não existem evidências específicas sobre essa motivação, mas a proposta da conferência em Sorbonne em junho de 1894 com a presença de representantes de nove países mostram a intenção de tornar o evento internacional (GUTTMANN, 1984). As exposições ou feiras internacionais organizadas na França nos anos de 1878 e 1889 também indicam uma perspectiva semelhante no contexto mais amplo nacional, em que elas serviriam como compensação do isolamento diplomático e a estagnação econômica do país naquele período (TOMLINSON, 1984). Para Paradis (2010), em comparação aos outros eventos internacionais, os Jogos Olímpicos foram melhores sucedidos porque se mostraram não somente como exibição, mas promoviam elementos de masculinidade e heroísmo com foco nas capacidades e conquistas individuais, valores bem quistos pelo público em tempos de nacionalismo e imperialismo reinantes no ambiente europeu.

Inúmeros fatores da filosofia na qual os Jogos Olímpicos foram recuperados por Coubertin são controversos, tanto sobre os métodos e as conseqüências do esporte nas escolas públicas, quanto sobre as informações que historiadores mobilizam sobre os Jogos Olímpicos antigos na Grécia, sendo que essas más compreensões teriam resultado em um evento com base em falsas premissas ou uma invenção de valores que embasariam a versão moderna (HILL, 1996; TOMLINSON, 1984; YOUNG, 1985). Sem dúvidas, embora exista o reconhecimento do protagonismo de Coubertin na filosofia inaugural do Olimpismo, é preciso ressaltar a influência de outras pessoas nesse processo, como o grego

Demetrius Bikélas (que se tornaria presidente do COI e responsável por levar sua primeira edição à Atenas), como também o professor William M. Sloane, dos Estados Unidos (CLASTRES, 2004; MACALOON, 1981).

Depois de debates sobre exercícios físicos na Exposição Universal de 1889 e a proposta de reestabelecimento dos Jogos Olímpicos em um festival esportivo em Paris em 1892, no Congresso organizado por Coubertin em Sorbonne no mês de junho de 1894 foi quando houve a primeira discussão formal sobre o tema (CLASTRES, 2004; TOMLINSON, 1984). De acordo com Tomlinson (1984), 2 mil pessoas estiveram no banquete de abertura, sendo 79 delegados de 49 associações esportivas vindos de 12 países. Naquela ocasião, foram estabelecidos alguns dos princípios do Olimpismo: os Jogos aconteceriam em intervalos de quatro anos em locais distintos a cada edição iniciando por Atenas em 1896, sendo contemplados esportes modernos, praticados por homens adultos e geridos por um Comitê Olímpico Internacional (CLASTRES, 2004; TOMLINSON, 1984).

Posteriormente, outros princípios foram estabelecidos e são mantidos até hoje, como a existência de competições preliminares nos países para que os Jogos agreguem os “verdadeiros campeões”, o estabelecimento de Comitês Olímpicos Nacionais, os membros do COI como representantes do Olimpismo em seus países (e não dos seus países no COI); e também outros foram modificados, como a manutenção da sede do COI em Paris (posteriormente sendo movida para Lausanne, Suíça) e a mudança de seu presidente após cada edição do evento. Este princípio terminou com o próprio Coubertin, que assumiu a presidência após os Jogos de Atenas 1896 (sucendo Demetrius Bikélas, da Grécia, que havia sido eleito para os anos de 1894 a 1896) e se manteve até 1925 (HILL, 1996). Partindo desse histórico, torna-se compreensível porque a criação do COI foi relativamente tardia em comparação ao surgimento de outras entidades esportivas reguladoras, cuja criação foi motivada principalmente pela organização de grandes competições entre as décadas de 1850 e 1870 (HARGREAVES, 1986).

Os autores indicam que uma série de outros eventos com a alcunha de “Jogos Olímpicos” foram realizados em diversos países e com considerável frequência e público (HILL, 1996;

TOMLINSON, 1984). Entretanto, Hill (1996) aponta que, para os delegados participantes do evento em Sorbonne, o motivo principal da congregação era o debate sobre o amadorismo, já que a ideia de reviver os Jogos Olímpicos não tinha levantado o interesse de participantes em outras ocasiões, tanto que o evento foi nomeado “Congresso Internacional de Paris para o estudo das questões do amadorismo e do reestabelecimento dos Jogos Olímpicos” (CLASTRES, 2004, p. 283, tradução nossa). Com grupos de trabalho divididos nos dois temas, o reestabelecimento dos Jogos Olímpicos contou com a coordenação de Demetrius Bikélas e participação de onze delegados franceses e seis ginastas universitários de países nórdicos e da Europa mediterrânea e oriental (CLASTRES, 2004).

De todo modo, é relevante tratar do amadorismo porque, mesmo servindo como justificativa para reunir os delegados na primeira reunião de fundação do COI, foi um tópico relevante na história do esporte e dos Jogos Olímpicos. O amadorismo deve ser entendido como uma série de ideais que compunham o *ethos* dos praticantes de jogos/esportes que, salvo pequenas discordâncias, pode ser entendido como: jogar o jogo pelo jogo, não por motivos pessoais ou materiais; envolver-se intensamente durante a prática, mas contendo sua competitividade e não buscando chamar a atenção para si; respeitar as regras, nunca manipulando-as ou usando-as para levar vantagem; nunca deixar se levar pelos resultados que, no caso da vitória, o comportamento deveria ser gracioso e da derrota sendo um bom perdedor; dar preferência às modalidades coletivas ou pela prática de várias modalidades ao invés de especializar-se em uma função ou esporte (BAKER, 2004; HOLT, 1990).

Baker (2004), na tentativa de localizar socialmente as origens do amadorismo com base em outras produções científicas, identifica na construção de novos valores da classe média, de meados ao fim do século XIX, diversos subsídios para esse ideal. Vendo no crescimento econômico a força motora para o desenvolvimento social, sua influência foi aos poucos chegando nas outras classes, tendo nas escolas públicas relevante estrutura para reprodução e difusão. Para esse fim, os valores que as novas lideranças deveriam incorporar

eram a responsabilidade, a autodisciplina, a cortesia e a consideração por outrem, quaisquer que fossem suas áreas de atuação profissional, visando manter a ordem, a estabilidade e o bem da coletividade. Aqui, é possível perceber que os ideais do amadorismo não haviam surgido ao acaso e nem eram isolados dos valores sociais buscados pela elite daquele período.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, apresentamos alguns dados expostos na produção acadêmica em inglês para contextualizar o cenário social no qual os esportes passaram a ser incorporados nas chamadas escolas públicas inglesas no final do século XIX e como Coubertin se apropriou das funções que o esporte tinha nesses locais, a partir de visitas e acesso a livros, para construir sua compreensão do movimento olímpico.

Quanto ao contexto da Inglaterra daquele período, devemos reforçar a existência de uma classe dominante que estava em ascendência econômica e política, num período em que o império britânico estava em ampliação no mundo. Nesse contexto, alguns valores como cavalheirismo, bravura, altruísmo, destemor e autocontrole eram virtudes a serem promovidas entre os jovens, sendo o esporte regrado um meio para desenvolvê-las, destacando a noção de jogar o jogo sem se deixar levar pelas emoções (*fair play*). Nessa circunstância, as atividades praticadas não eram inteiramente inéditas ou foram completamente inventadas, mas as apropriações de jogos populares em um local institucionalizado por praticantes das classes dominantes ganhavam relevância social a partir de significados e funções legítimas, reconhecidas, permitindo assim uma mudança no seu perfil a ponto de passar a ser entendida como esporte.

A perspectiva de que essas práticas corporais poderiam desenvolver o caráter a partir de virtudes bem quistas pela aristocracia “conquistaram” Coubertin, que buscava incrementar o sistema educacional francês e percebeu no ambiente escolar inglês que o esporte respondia parte de seus anseios. A partir da revisão de autores que primordialmente estudaram a vida e as obras de Coubertin,

evidenciamos que essa construção foi baseada em uma leitura idealizada do potencial do esporte para os jovens. Ainda de acordo com esses autores, Coubertin teria certa resistência aos modelos ginásticos germânicos pelo trauma causado pela guerra entre França e Prússia, mas entendia que em seu país era preciso promover corpos mais fortes e com valores aristocráticos. Por essa suposição, Coubertin mudou em parte seu foco de interesse no sistema educacional para vislumbrar que o modelo inglês se tornaria ótimo quando, em conjunto com a filosofia grega, pudesse se manifestar em versões modernas dos Jogos Olímpicos. “Reviver” os Jogos Olímpicos serviam também a outros anseios típicos do final do século XIX, como a proposta de internacionalização e de ênfase no heroísmo a partir de conquistas individuais e masculinas.

Os dados apresentados neste artigo são úteis para aprofundamento do conhecimento relativamente difundido sobre a “origem” do esporte e dos valores pretensamente promovidos pelo esporte na ótica de Coubertin e do movimento olímpico. Ao pensarmos o esporte pela perspectiva social, invariavelmente precisamos considerar seu significado para diferentes culturas em determinados períodos históricos (COAKLEY; PIKE, 2009). Sendo assim, conhecer o contexto da chamada genealogia do esporte é o início para qualificarmos nossa leitura e percepção sobre a sequência de rupturas e continuidades desse fenômeno até suas feições atuais. Em especial, destacamos que este estudo contribui para compreender que o contexto social da “gênese” do esporte na Inglaterra e as apropriações feitas por Coubertin sobre as potencialidades do esporte estão localizadas temporalmente e espacialmente. Em um período em que o esporte e os Jogos Olímpicos estão em evidência nos debates sociais e acadêmicos no Brasil, os dados aqui apresentados reforçam a necessidade de estarmos atentos para não cairmos em anacronismos, superficialmente discutindo os valores do esporte como imanentes à prática ou ainda como contribuição inequívoca de Coubertin, quando de fato se mostra como uma idealização de suas percepções individuais que supriam as pretensões de uma classe dominante via uma prática distintiva.

---

## FROM SPORT'S "ORIGINS" IN ENGLAND TO THE OLYMPIC GAMES IDEALIZED BY COUBERTIN: AN OVERVIEW OF THE ACADEMIC LITERATURE IN ENGLISH

### ABSTRACT

There is a relative consensus within the Brazilian scientific production that the beginning of the modern features of sport are on English public schools by the end of the 19<sup>th</sup> century. However, descriptions on the context of the transformation from practices to sports and their new meanings that influenced Pierre de Coubertin to the Olympic Games "revival" are very rare. Then, the aim of this article is to agglutinate subsidies from the academic production in English about the context of transformation of these practices in the English public schools in the 19<sup>th</sup> century, as well as their new meanings and the influences on Pierre de Coubertin. We argue that the social conditions through the transition phase have directly influenced for changing the meanings of sport practices had, provoking significant impacts for the development of the sport phenomenon in the 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries.

**Keywords:** Sport. History. Olympic Games.

---

### REFERÊNCIAS

- BAKER, N.; Whose hegemony? The origins of the amateur ethos in nineteenth century English Society. **Sport in History**, [S.l.], v. 24, no. 1, p. 1-16, 2004.
- BELL, B. **Sport studies**. Exeter: Learning Matters, 2009.
- BIRLEY, D. **Sport and the making of Britain**. Manchester: Manchester University Press, 1993.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.
- BRAILSFORD, D. **Sport and society**: Elizabeth to Anne. London: Routledge, 1969.
- BRAILSFORD, D. **British sport**: a social history. 2nd. ed. Cambridge: Lutterworth Press, 1997.
- CLASTRES, P. La renaissance des Jeux Olympiques, une invention diplomatique. **Outre-terre**, [S.l.], v. 3, no. 8, p. 281-291, 2004.
- COAKLEY, J.; PIKE, E. **Sport in society**: issues and controversies. Berkshire, UK: McGraw Hill, 2009.
- DIAS, C. A sociologia figuracional e os estudos do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155-169, 2010.
- DUNNING, E. **Sport matters**: sociological studies of sport, violence and civilization. Oxon: Routledge, 1999.
- ELTON, L. Introduction. In: HUGHES, T. **Tom Brown's schooldays**. London: Collins, 1957.
- GUTTMANN, A. **The games must go on**: a very brundage and the olympic movement. New York: Columbia University Press, 1984.
- GUTTMANN, A. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 2004.
- HARGREAVES, J. **Sport, power and culture**: a social and historical analysis of popular sports in Britain. Cambridge: Polity Press, 1986.
- HILL, C. R. **Olympic politics**. 2nd. ed. Manchester, UK: Manchester University Press, 1996.
- HOLT, R. **Sport and the British**: a modern history. 2nd. ed. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- HORNE, J.; TOMLINSON, A.; WHANNEL, G. **Understanding sport**: an introduction to the sociological and cultural analysis of sport. London: E&FN SPON, 1999.
- HUGGINS, M. **The Victorians and sport**. London: Hambledon and London, 2004.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 4. ed. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- KUMAR, K. **Prophecy and progress**: the sociology of industrial and post-industrial. London: The Penguin Press, 1978.
- LUCAS, J. A. **The modern olympic games**. London: Thomas Yoseloff, 1980.
- MACALOON, J. J. **This great symbol**: Pierre de Coubertin and the origins of the modern olympic games. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- MALCOLMSON, R. **Popular recreations in english society, 1700-1850**. Cambridge: University, 2007.
- MANGAN, J. A. **The games ethic and imperialism**: aspects of the diffusion of an ideal. London: Frank Cass, 1998.
- MANGAN, J. A.; MCKENZIE, C. The other side of the coin: victorian masculinity, field sports and English elite education. In: MANGAN, J. A. (Ed.) **Making European masculinities**: sport, europe, gender. european sports history review. London: Frank Cass, 2000. v. 2. p. 62-85.
- MCINTOSH, Peter. **Fair play**: ethics in sport and education. London: Heinemann, 1979.
- MEDEIROS, C. C. de; GODOY, L. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 199-214, 2009.

PARADIS, L. Manly displays: exhibitions and the revival of the olympic games, **The International Journal of the History of Sport**, Abingdon, v. 27, no. 16-18, p. 2710-2730, dez. 2010.

TOMLINSON, A. De Coubertin and the modern olympics. In: TOMLINSON, A.; WHANNEL, G. **Five-ring circus: money, power and politics in the olympic games**. London: Pluto Press, 1984. p. 84-97.

WEBER, M. The origins of industrial capitalism in Europe. In: GRUNCIMAN, W. G. **Max Weber: selections in translation**. Trad. Eric Matthews. Cambridge: University Press, 1978, p. 331-340.

WIGGLESWORTH, N. **The evolution of English sport**. London: Frank Cass, 1996.

YOUNG, D. **The Olympic myth of Greek amateur athletics**. Chicago: Ares, 1985.

Recebido em 27/01/2015

Revisado em 30/04/2015

Aceito em 21/06/2015

---

**Endereço para correspondência:** Bárbara Schausteck de Almeida. Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade – CEPELS, Departamento de Educação Física – UFPR. Rua Coração de Maria, 92 – Jardim Botânico, Curitiba-PR, CEP: 80210-132. E-mail: barbara.edf@ufpr.br.